



# REDE COMUNIDADE DE INOVAÇÃO SOCIAL

ABORDAGEM  
METODOLÓGICA  
E PRÁTICA



INSTITUTO  
JATOBÁS

*“A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas a rede pertence a você. Ou de outra forma, a comunidade precede você. Você nasce numa comunidade. Por outro lado, temos a rede. O que é uma rede? Ao contrário da comunidade, a rede é feita e mantida viva por duas atividades diferentes. Uma é conectar e a outra é desconectar...”*

Zygmunt Bauman

## SUMÁRIO

CULTIVANDO POTÊNCIAS E PONTES .....	04
NOSSA HISTÓRIA .....	06
NOSSO PROPÓSITO .....	08
NOSSA ESTRATÉGIA DE ATUAÇÃO .....	12
DA TEORIA À PRÁTICA .....	14
DESTAQUES DO ANO .....	16
NOSSA REDE .....	18
NOSSA ESSÊNCIA .....	20
VISÃO DE FUTURO .....	30
COMO PARTICIPAR .....	34
PARCEIROS .....	35
FICHA TÉCNICA .....	35

# CULTIVANDO POTÊNCIAS E PONTES



REDE  
COMUNIDADE  
DE INOVAÇÃO  
SOCIAL

**A** Rede-Comunidade de Inovação Social nasce em 2015 de uma crença e de uma postura ativa desenvolvida pelo Instituto Jatobás desde 2005: acreditamos que é possível construir um novo mundo, no qual somos todos parte de um ecossistema que se relaciona de forma interdependente. Acreditamos em uma liderança horizontal, em relações empáticas e no trabalho colaborativo, baseado na cocriação, feito por muitos e conectado em rede. Por isso, o foco da Rede-Comunidade está no propósito, no legado coletivo e na sustentabilidade, com relações equilibradas entre o ambiente, a sociedade e a economia.

Trabalhamos para construir esse novo mundo, com pessoas conectadas agindo de forma empática, inovadora e disruptiva. Trabalhamos para estabelecer um paradigma fundamentado na perspectiva do como fazer, em que a inovação social é ferramenta. Precisamos aprender a pensar diferente para agir diferente, colocar as pessoas no centro das decisões para criar soluções que impactem positivamente suas vidas. A chave para resolver os problemas sociais passa por desenvolver um olhar mais humano.

Para promover essa transformação, oferecemos uma jornada que permite vivenciar esse novo pensar. Estimulamos grupos de pessoas a buscar soluções para problemas

em suas comunidades, com base no design centrado no ser humano. Caminhamos lado a lado, oferecemos metodologia, capital semente e mentoria. Em síntese, trocamos saberes e aprendemos junto. E, assim, criamos um ponto de renovação, que pode se configurar como um ponto de acupuntura que irradia sua ação para além dos seus limites e gera mudanças a partir desse novo pensar e agir.

Convictos de que podemos ampliar ainda mais esse alcance, promovemos, por meio de uma articulação invisível, conexões com outros grupos, parceiros, colegas e potenciais financiadores. Assim, se tece uma ampla rede aberta, distribuída, colaborativa e integrada entre si e com outras redes.

Essa é a transformação em que acreditamos. É para essa transformação que trabalhamos.



**Betty Feffer**

Presidente do Instituto Jatobás



**Ivani Tristan**

Líder da Rede-Comunidade

# NOSSA HISTÓRIA



REDE  
COMUNIDADE  
DE INOVAÇÃO  
SOCIAL

O século 21 e os dias atuais têm deixado claro que investimentos e resultados meramente monetários não significam melhoria de qualidade de vida, muito menos transformação e impacto positivos. O desafio global, pautado pela agenda 2030, de alcançar prosperidade com sustentabilidade se torna cada vez mais urgente. Como, então, construir um outro mundo possível?

Concebido em 2005, o Instituto Jatobás busca responder a tal pergunta, sendo o desenvolvimento sustentável parte estruturante do DNA da organização. Para isso, ao longo dos anos, elaborou uma série de modelos, conceitos e ferramentas práticas pautadas em três principais pilares: conhecimento, mobilização e conexão.

Mas, se mudanças paradigmáticas ocorrem quando um sistema não consegue mais responder a questões ou demandas de uma sociedade, a transformação se dá, justamente, no exercício da inovação. Foi pensando nisso que o Instituto Jatobás idealizou, em 2015, a Rede-Comunidade de Inovação Social, programa que apoia e incentiva grupos de pessoas que se sentem impotentes diante da realidade e querem resolver, por meio da inovação social, problemas sociais complexos.

“A essência do trabalho do Instituto Jatobás consiste em influir para a ampliação da consciência, com foco na construção de um caminho coleti-

vo, solidário e sustentável. Mas para isso, precisamos agir de forma empática e ativa. A Rede-Comunidade cumpre exatamente esse papel: de inovar, pela ação, já que mudanças sistêmicas e estruturais só são possíveis, quando conseguimos transformar o conhecimento adquirido em soluções efetivas”, analisa Luiz Alexandre Mucerino, vice-presidente do Instituto Jatobás.

“A proposta de ser uma rede é, principalmente, gerar, mais do que conexão, interação. Comunidade vem da ideia de se trabalhar para um bem comum, para e pelo coletivo. Já a inovação social é o meio para que a transformação ocorra. Isto quer dizer que, a partir do entendimento profundo e da desconstrução de um problema, conseguimos produzir uma nova compreensão da realidade, gerando hipóteses de soluções, experimentações e mudanças disruptivas”, complementa Ivani Tristan, líder da Rede-Comunidade.

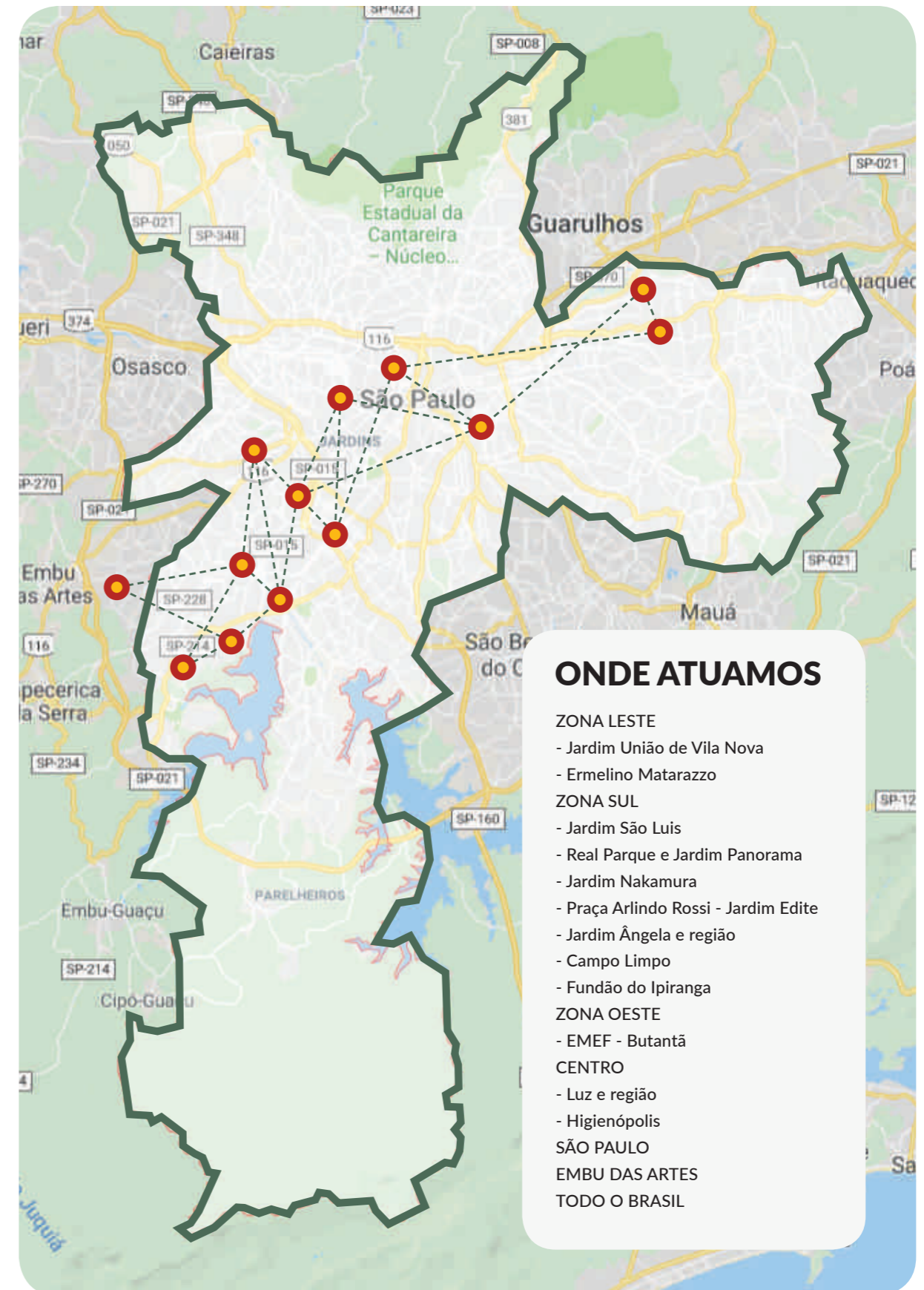
O programa nasce, então, com um propósito claro: facilitar e impulsionar a construção de um sistema social com novos paradigmas, a partir da atuação de agentes coletivos fortalecidos e conectados em rede distribuída. Para isso, propõe o jogo: aqui o processo é mais importante que o resultado; a colaboração e a interação são regras; as pessoas estão no centro da solução (isso se chama empatia. E sim, empatia é ação!); a aprendizagem é compartilhada; a inovação é social.

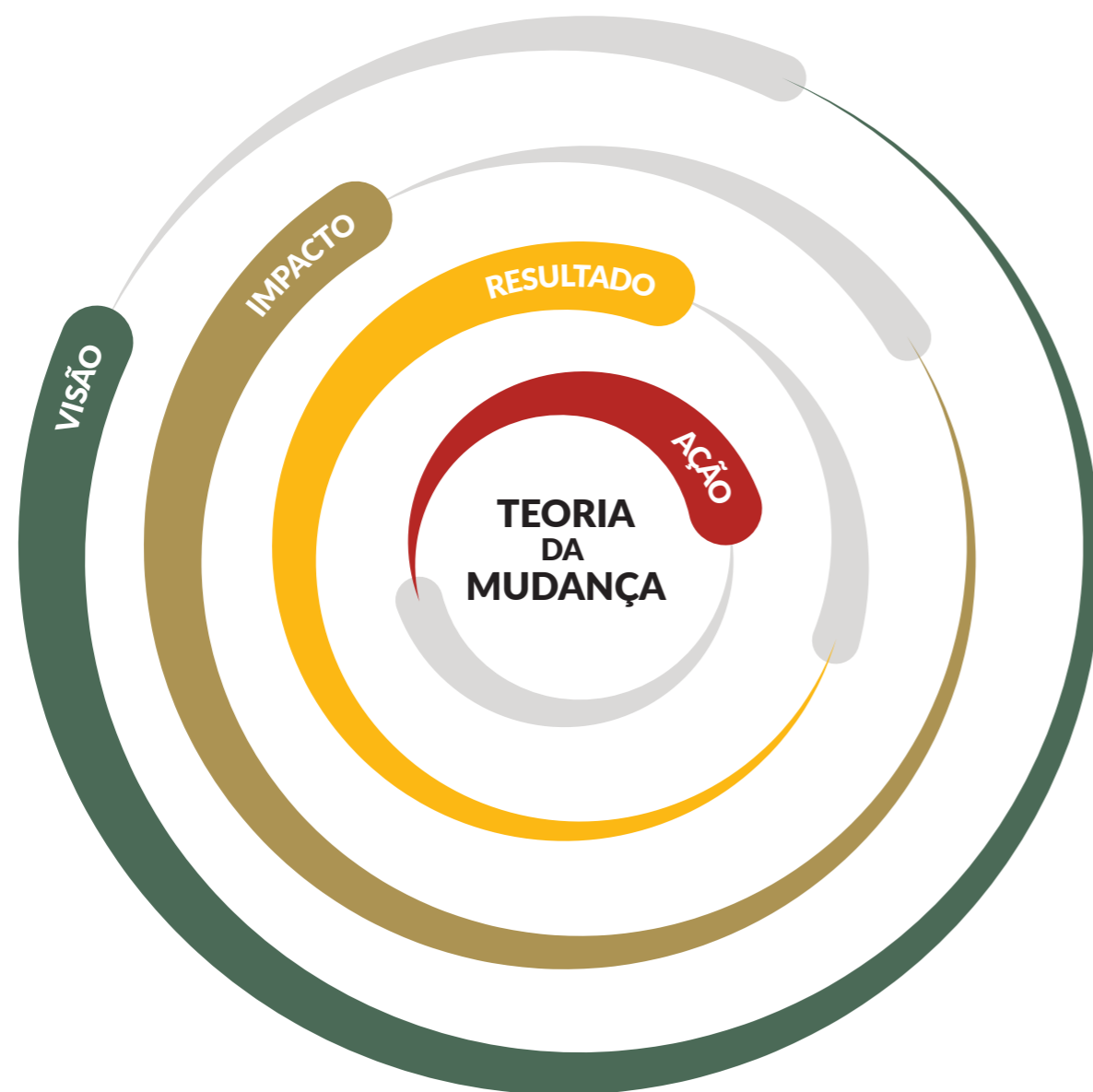
# NOSSO PROPÓSITO

APOIAMOS E INCENTIVAMOS GRUPOS DE PESSOAS QUE SE SENTEM IMPOTENTES DIANTE DA REALIDADE E QUEREM RESOLVER, POR MEIO DA INOVAÇÃO SOCIAL, PROBLEMAS SOCIAIS COMPLEXOS.



REDE  
COMUNIDADE  
DE INOVAÇÃO  
SOCIAL





**VISÃO**

Sistema Social com novos paradigmas. (ego -> eco)

**IMPACTO**

Pessoas conectadas agindo colaborativamente de forma empática, inovadora e disruptiva. Agentes coletivos fortalecidos.

**AÇÃO**

Apoio a grupos. Animação da Rede. Gestão do conhecimento.

Acreditamos que quando um sistema não consegue mais responder às questões e/ou demandas de uma sociedade, ele muda. Com base nisso, contribuimos para a criação de novos paradigmas e facilitamos a emergência de novas economias.

Pautamos nossa atuação e incorporamos em nossa metodologia conceitos e práticas como empatia, colaboração, cocriação, horizontalidade, compartilhamento, experimentação, interação em rede e sustentabilidade.

Para isso, desenvolvemos nossas ações a partir do entendimento de inovação social como uma nova perspectiva estratégica para criar algo diferente que gere valor, com uma mentalidade voltada para a sociedade. O que produz uma nova compreensão da realidade gerando hipóteses de soluções, experimentações e mudanças disruptivas.

Propomos, por fim, uma mudança no estado de consciência, indo do Ego (indivíduo) para Eco (oikos, ou casa toda), pois acreditamos que se quisermos renovar, inovar, devemos transformar nossa forma de pensar para agirmos de uma forma diferente.

Dessa forma, queremos incentivar as pessoas a transformarem seus territórios para, juntos, transformarmos o mundo.



# NOSSA ESTRATÉGIA DE ATUAÇÃO



REDE  
COMUNIDADE  
DE INOVAÇÃO  
SOCIAL

Colocar as pessoas no centro das decisões é um dos pontos de partida da inovação social. Somente assim podemos gerar soluções que realmente impactam suas vidas. Com base nisso, desenvolvemos uma jornada pautada em três grandes eixos:



# DA TEORIA À PRÁTICA



REDE  
COMUNIDADE  
DE INOVAÇÃO  
SOCIAL

## PREMISSAS

### Empatia

Processo de escuta e ação empática, no qual toda solução é baseada no entendimento profundo da necessidade do público-alvo.

### Colaboração

Processo coletivo e em cocriação com os diferentes pontos de vista.

### Experimentação

Processo de experimentação, prototipagem e teste, no qual errar e aprender rapidamente com o erro é permitido.

*“O design thinking traz um ceticismo positivo que nos possibilita questionar as nossas certezas e nos põe em contato com o público de forma mais empática. Dessa forma, analisamos o problema de forma holística, considerando o ponto de vista do público, priorizando a estratégia, para só então pensarmos em táticas, que são as soluções em si”.*

**Daniele Costantini**

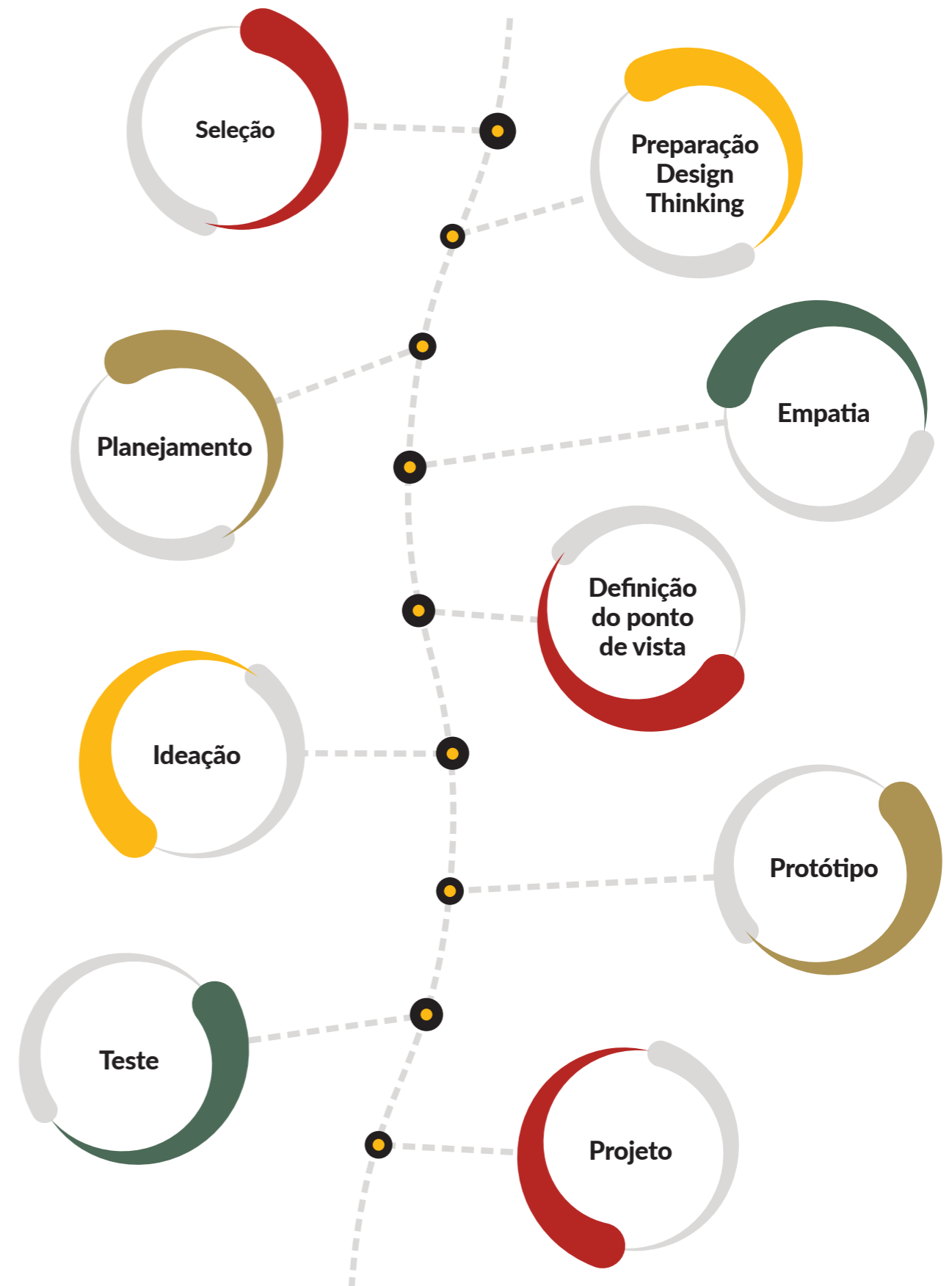
Especialista em Design Thinking e consultor da Rede-Comunidade.



*Escolhemos o design centrado no ser humano como metodologia mestra da Rede-Comunidade, pois nosso principal objetivo é incidir no nível mais profundo da inovação: a mudança de mindset (modelo mental). Somente a partir da aplicação e experimentação dessa base metodológica, podemos, junto com os grupos apoiados, desenvolver um novo olhar sobre o problema. Um olhar a partir da necessidade do outro. Dessa forma, os grupos são incentivados a não se apaixonar pela solução, mas pelo desafio. É uma nova forma de escuta – ativa e empática –, que nos leva a relações mais saudáveis e soluções mais responsáveis”.*

**Ivani Tristan**

Coordenadora da Rede-Comunidade.





# 2018

15

novos grupos apoiados

66

pessoas impactadas diretamente

23.017

pessoas impactadas indiretamente

- Jornada baseada no design centrado no ser humano
- Apoio metodológico a 15 grupos + investimento semente para 10 grupos + animação de rede + gestão do conhecimento

## 2017

- Lançamento do edital Divergente Positivo e seleção de novos grupos
- Primeiro encontro geral dos grupos apoiados

## 2016

- Apoio aos primeiros 8 grupos
- Formação em design thinking pela Escola de Design Thinking | Echos Laboratório de Inovação
- Círculos temáticos “Água” e “Jovens lideranças divergentes positivas”
- Publicação do primeiro documento de Posicionamento da Rede-Comunidade

## 2015

- Nascimento da Rede-Comunidade de Inovação Social como iniciativa do Instituto Jatobás
- Elaboração de documento com diretrizes estratégicas da Rede-Comunidade

### FEVEREIRO

- Planejamento: revisão e aprofundamento do problema e definição do desafio, público-alvo e espaço de design.

### MARÇO | ABRIL

- Pesquisa de empatia e desdobramento das entrevistas.

### MAIO | JUNHO

- Definição ponto de vista e ideação e cocriação de uma nova solução com base nos achados da pesquisa de empatia.

### JULHO

- Desenvolvimento do protótipo e teste.

### AGOSTO

- Transmissão ao vivo pelo Facebook da “Espiral do Conhecimento” sobre captação de recursos, com a presença de João Paulo Vergueiro, da Associação Brasileira de Captadores de Recursos, que gerou 3700 visualizações.
- Análise de resultados do protótipo e ajustes.

### SETEMBRO

- Transmissão ao vivo pelo Facebook da “Espiral de Conhecimento” sobre Comunicação, com a presença de Aline Santos, da comunicação do Instituto Jatobás, que gerou 2400 visualizações.
- Realização de Seminário Internacional de Inovação Social: tecendo diálogos e ideias (saiba mais: [www.seminariodeinovacaosocial.com.br/#relatorio](http://www.seminariodeinovacaosocial.com.br/#relatorio)). Ao todo foram 95 participantes + 5 palestrantes, sendo 1 internacional + 4 cases para discussão. Teve organização do Instituto Jatobás, Instituto Sabin, em parceria com o Sense-Lab e Mobiliza Consultoria, apoio do GIFE, da Fundação Salvador Arena e da TOTVS, e parceria institucional do Instituto Desiderata e do Pé de Amora.

### DEZEMBRO

- Realização de apresentação final dos grupos durante feira de projetos. Reunião de todos os grupos apoiados para uma noite de apresentação dos resultados de 10 grupos, celebração e conexão. Estavam presentes 60 pessoas, dentre coletivos, organizações, financiadores, pessoas que trabalham e vivem com foco no impacto social.

## DESTAQUES DO ANO



REDE  
COMUNIDADE  
DE INOVAÇÃO  
SOCIAL

OS PROJETOS APOIADOS ATENDEM AOS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODSS):



# NOSSA REDE



REDE  
COMUNIDADE  
DE INOVAÇÃO  
SOCIAL



## AGROGYM

desenvolvimento do projeto-piloto de uma academia ao ar livre que estimula o exercício físico por meio da produção de alimentos na horta comunitária.



## ATELIÊ CENDIRA

espaço colaborativo de trabalho com foco em ateliês abertos e empreendedorismo de mulheres, além de contar com programação cultural.



## ANTICORRUPÇÃO

desenvolvimento de práticas educacionais que ampliem o combate à corrupção, por meio da análise de conceitos como ética e valores humanos.



## BEM ENVELHECER

produção de materiais de conscientização sobre o envelhecimento e realização de prêmio sobre importância de investir na longevidade ao longo de toda a vida.



## CIDADE EDUCATIVA

promoção de debates sobre cidades, educação e cidadania, visando o empoderamento juvenil e transformação de comunidades.



## COMUNIDADE EDUCADORA E GÊNERO

plataforma de apoio às comunidades educadoras, com organização e sistematização de conteúdos, além de referências e ferramentas que possam ser usadas em sala de aula.



## COALIZÃO CLIMA E MOBILIDADE ATIVA

defende, divulga e promove, em âmbito local, nacional e internacional, os meios de transporte à propulsão humana como opção de transporte, turismo, trabalho, lazer, saúde e esporte.



## COLETIVO PERIFATIVIDADE

oferta de cursos gratuitos, formações, saraus e diversas atividades para empoderar e emancipar moradoras e moradores do Fundão do Ipiranga (periferia do Ipiranga).



## DESACELERA SP

divulgação, difusão e propagação de um estilo de vida mais desacelerado, em que sejam respeitados o tempo e a ordem natural das pessoas.



## DONO DO MEU FUTURO (GAIA MAIS)

promoção de ações de aprendizado de habilidades socioemocionais para prevenção de ansiedade e depressão, promovido pela Gaia Mais.



## ENCRESPAD@S

formações em escolas e comunidades, voltadas para jovens, que abordam temáticas étnico-raciais, diversidade de gênero e direitos humanos, utilizando as mais diversas expressões culturais.



## ESCREVA SEU FUTURO

oficinas de desenvolvimento do autoconhecimento e preparação para a vida adulta para jovens de 13 a 17 anos em situação de vulnerabilidade social.



## FEMINISMO COMUNITÁRIO

desenvolvimento de ferramentas de apoio e acolhimento de mulheres e meninas em situação de violência, tais como ciclos de debates, rodas de conversa e aplicativo.



## INSTITUTO MELHORES DIAS

desenvolvimento saudável de crianças por meio da capacitação de parceiros e articulação de redes locais.



## IPA BRASIL

visa promover, proteger e preservar os direitos de crianças e adolescentes de terem oportunidades para brincar e livre acesso à cultura e ao lazer.



## JOVENS PRODUTORES CULTURAIS

vivências em produção cultural e inovação social para jovens, com o objetivo de desenvolver habilidades de empreendedorismo social e aproximá-los da prática de produção cultural.



## LIMPA BRASIL

educação e mobilização coletiva para coleta e transformação de resíduos sólidos. Representante oficial brasileiro do movimento internacional Clean Up Day, Let's Do It.



## PRÊMIO FGV DE INOVAÇÃO SOCIAL

prêmio que tem como objetivo engajar jovens na solução de problemas sociais a partir de uma perspectiva inovadora. Possui duas categorias, uma para alunos de graduação da Fundação Getúlio Vargas e outra para alunos do Colégio Bandeirantes.



## REFLEXÕES DA LIBERDADE

mobilização, ação e transformação a partir da participação cidadã, engajamento coletivo e formação de agentes de mudanças conscientes.



## RESTAURANTE LIXO ZERO

implementação de sistema de gestão de resíduos orgânicos (restos de alimentos) em um restaurante, com o objetivo de replicação.



## SALA DO EMPREENDEDOR

estruturação de uma sala de trabalho dentro do espaço colaborativo da Agência Solano Trindade dedicada ao empreendedor do distrito do Campo Limpo, periferia da Zona Sul de São Paulo.



## SE JOGA NA HORTA

promoção de ferramenta pedagógica para produção de hortas escolares, por meio de práticas lúdicas, inovadoras e educativas.



## TEATRO DE CONTÊINER MUGUNZÁ

promoção de atividades culturais gratuitas para moradores do Bairro da Luz, a partir da democratização do acesso à cultura e a ressignificação do território.

# NOSSA ESSÊNCIA



REDE  
COMUNIDADE  
DE INOVAÇÃO  
SOCIAL

Quando se quer transformar, a primeira transformação é a do olhar. É preciso aprender a pensar diferente para criar soluções que impactem positivamente a vida das pessoas. E pensar fora da caixinha, ou inovar, como preferir, tem a ver com o deslocamento do olhar: do eu para o outro, do eu para o nós, do ego para o eco.

Se fôssemos descrever em poucas palavras o papel da Rede-Comunidade de Inovação Social, seria o de facilitar essa viagem: aprender a pensar diferente para agir diferente.

Mas diferente do que ou de quem? Se a diferença não está em nós mesmos, ela só pode estar no outro. É mais ou menos sob tal perspectiva que muitas pessoas definem, de bate e pronto, o que é empatia: se colocar no lugar do outro. Brenda Guimarães, integrante do grupo Feminismo Comunitário, vai além: “Se colocar no lugar do outro e escutar. A gente está mais acostumado a falar do que a ouvir o que outro tem a dizer”.

Selma Paiva, do Ateliê Cendira, completa: “Mais do que se colocar no lugar do outro, a empatia é você se movimentar para acolher, ou contemplar de alguma forma, o outro. Sinto que quando falamos de empatia, a primeira tendência é nos colocarmos à disposição, mas quando recebemos a resposta, pensamos:



isso não tem nada a ver comigo. Mas talvez possa ter a ver. Se nos interessamos realmente em estar ali com aquela pessoa, temos que buscar transformação. Ouvir, entender e fazer algo com aquilo”.

### **Empatizar: verbo intransitivo**

Concordamos com a Brenda e a Selma: empatia é verbo, e verbo requer ação. Por isso, a empatia é o primeiro pilar da metodologia aplicada pela Rede-Comunidade – o design centrado no ser humano, que nada mais é do que colocar as pessoas no centro das decisões na hora de pensar e construir uma solução.

Um dos primeiros passos da metodologia é entender que o inferno não são os outros e que esses outros são o público-alvo da solução para o problema que queremos resolver. O processo de empatia vem logo depois: se os outros existem, o que pensam, onde vivem, do que se alimentam, o que querem? Parte-se para o que chamamos de escuta ativa.

“Sempre que vamos falar do projeto, a gente divide em antes e depois da Empatia. Antes da empatia, estávamos perdidas”, conta Adriana Santana, também do Feminismo Comunitário.

O coletivo, formado por seis mulheres de 17 a 27 anos, atua na periferia sul de São Paulo, mais es-

pecificamente no Real Parque e Jardim Panorama. Ao iniciar o processo com a Rede-Comunidade, a ideia era desenvolver um aplicativo de acolhimento a mulheres vítimas de violência doméstica, ocorrência comum na região. A solução parecia perfeita, porém “estávamos nos esquecendo do mais importante: o engajamento de uma rede de mulheres. Fomos entendendo isso ao longo do tempo. Paralelamente ao desenvolvimento do aplicativo, produzimos encontros e rodas de conversas com as mulheres da região. Nesses encontros, elas encontraram espaço para serem escutadas e compartilham as suas histórias.

Essa rede foi sendo construída, mas o nosso foco continuava a ser o aplicativo, até que a Rede-Comunidade nos conectou com a Mafoane Odara, coordenadora do Instituto Avon. Na reunião, apresentamos a ideia e contamos sobre os encontros. Ela, com muita experiência, nos mostrou que o mais importante era o vínculo entre as mulheres. No final ela falou: o mais difícil vocês já têm, que é a rede. Tanto a pesquisa de empatia, quanto essa reunião serviram para a gente entender o real problema e construir uma solução baseada na rede de mulheres e meninas”, explica Adriana. “O processo que passamos com a Rede-Comunidade transformou a ideia. Começamos com uma e mudou completa-





mente para melhor. Não deixamos o aplicativo de lado, mas entendemos que o principal está nas pessoas”, completa Ana Paula de Oliveira, outra integrante do grupo.

Outra experiência que demonstra o poder de transformação de processos verdadeiramente empáticos foi a do coletivo Jovens Produtores Culturais, que também atuou na Zona Sul, no Jardim Ângela, Piraporinha e Jardim Nakamura. Ivy Frizo, uma das facilitadoras do grupo, explica que a ideia inicial – fortalecer o ecossistema de produção cultural da região, por meio de formações – foi transformada após a fase de empatia. “A Rede-Comunidade mudou o nosso olhar. Escutando o território, conseguimos entender que a produção cultural já era forte, e que o maior desafio era, na realidade, dar visibilidade para o que está sendo feito na região”.

Para as mulheres do Ateliê Cendira, a empatia se tornou ação fundante. O grupo já leva em seu nome (cendira, significa irmã, em tupi) e DNA práticas de igualdade e horizontalidade. O objetivo principal é constituir um coworking para mulheres periféricas da região do Jardim São Luís. Um espaço que contemple estações colaborativas de trabalho e programações culturais e formativas. Segundo Vanessa Borges, uma das cinco integrantes do coletivo, as entrevistas de empatia foram impor-

tantes não só para o entendimento dos diferentes públicos, mas para a reflexão sobre o próprio Ateliê. “Na parte da empatia, conseguimos enxergar quem era o Cendira e como ele se relacionava com essas mulheres. Isso nos fez refletir sobre nossa própria ação”.

Suzane Costa, também do coletivo, completa: “Aprendemos a empatizar para qualquer decisão do Ateliê. Por exemplo, fazemos uma roda de justiça restaurativa comunitária, mas os temas sempre foram propostos a partir do que nós acreditávamos que seria relevante na vida das mulheres. E a partir do processo da Rede-Comunidade, começamos a empatizar até na hora de definir o tema. E esse foi um dos maiores aprendizados: a importância de se consultar”.

### **Colaboração: eu + o outro**

Para agir de forma empática e transformadora, a interação com o outro é imprescindível. A metodologia, pautada no Design Centrado no Ser Humano, parte da empatia para entender a fundo o problema, sob a perspectiva de quem o vive. A solução vem logo após, em um processo de colaboração e cocriação com o público-alvo, ou seja, com o outro.

Exemplo disso podemos encontrar na experiência do grupo AgroGym, para o qual o processo participativo foi um dos pilares

fundamentais. Em poucas palavras, o projeto é uma ferramenta de engajamento de pessoas para que cuidem das hortas comunitárias.

“A ideia é que a horta se transforme em um ponto de encontro do território e assuma um papel, em lugares periféricos (regiões de desertos alimentares), de oferta de alimentos orgânicos e frescos. Pensando nisso, partimos de um problema: cuidar das hortas é um trabalho exaustivo e volumoso. Resolvemos atrelar a alguma atividade física, como isca para o engajamento das pessoas. Para isso, criamos seis equipamentos, formando um circuito de ginástica: (1) papagalhos (bicicleta trituradora de galhos), (2) bomba de água manual para o sistema de irrigação, (3) estação de peneiramento, (4) balde duplo, (5) pá dupla e (6) sapato escavador”, explica Maria Augusta Bueno, uma das integrantes do grupo.

A criação desses equipamentos foi resultado de necessidades mapeadas junto às pessoas do território, durante duas maratonas de design realizadas pelo projeto. A primeira, mais conceitual, buscou colher, por meio da pesquisa de empatia, quais eram as dificuldades enfrentadas pelas mulheres cuidadoras do Viveiro Escola União, localizado na zona leste da capital. A segunda colocou a mão na massa para pensar e construir os equipamentos.

“Fizemos uma ideação inicial entre nós, depois partimos para pesquisa e nova ideação, dessa vez com as pessoas do território. O ato de construir junto é muito potente. Transcende a metodologia de Design Thinking, pois além de colocar o ser humano como centro daquela solução, traz as pessoas para participar do processo. O sapato escavador, por exemplo, foi ideia de uma criança de seis anos que participou das maratonas”, analisa Maria Augusta.

“O design centrado no ser humano está alinhado aos princípios da permacultura, tais como criatividade, responder a mudanças, usar soluções pequenas e lentas, com pouco desperdício, por exemplo. Porém a sistemática do processo da Rede-Comunidade veio a somar, sobretudo com essa ideia de testar, poder mudar de direção e estar sempre num ciclo”, complementa Marcos Vinícius Moraes, também integrante do grupo.

### **Experimentação: da empatia ao protótipo, um ciclo**

Para que a solução deixe de ser ideia, ela precisa ser colocada em prática. Daí vem o terceiro elemento da metodologia implantada pela Rede-Comunidade: a experimentação com a possibilidade de erro, de se construir e reconstruir em pleno voo. Por essa lógica, nada está



dado como definido. O processo se torna orgânico e não linear. Dessa forma, a empatia é realizada não só no início, mas em todos os momentos, como forma de validar se aquela solução ou projeto ainda faz sentido. Ela se torna a norteadora para se experimentar, testar e validar de forma contínua.

Verônica Gentilin, integrante Teatro de Contêiner Mugunzá, que tem sede no bairro da Luz, centro de São Paulo, no meio da cracolândia, conta que a princípio o grupo tinha a ideia de integrar as crianças do território ao espaço por meio de espetáculos teatrais. Porém, com o diagnóstico inicial perceberam que aquelas crianças – muitas provenientes de ocupações – tinham outros interesses e hábitos. A partir disso, começaram a refletir como o espaço se relacionava com o entorno. Partiram para a pesquisa de empatia. “Conversei com moradores, pessoas em situação de rua, comerciantes. A unanimidade foi que ninguém entendia o que era o Teatro. É um espaço bonito, colorido, mas as pessoas não sentiam que era para elas. Daí descobrimos que faltava uma comunicação mais clara: o que é aquele espaço, para quem é, para que serve e o que acontece. E outra pontuação que surgiu foi que essas pessoas se sentiriam mais à vontade se oferecêssemos espetáculos exclusivos

para pessoas em situação de rua”.

A demanda das ruas foi escutada. A próxima experimentação foi exatamente o oferecimento de apresentações mensais exclusivas. “Iniciamos uma parceria com o Consultório na Rua e o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) para ofertar espetáculos gratuitos e bate-papos fechados para os agentes de saúde desses programas e seus assistidos. Essa foi uma das formas de integração dessas pessoas ao espaço”, conta Verônica.

Mas não parou por aí. Segundo Verônica, o processo de design centrado no ser humano aportado pela Rede-Comunidade foi também um momento de elaboração sobre estar em um território como o da cracolândia. Um momento de revisitar e deslocar o olhar. “O nosso grande desafio foi entender que o que a gente achava que era o problema, não era o problema. Percebemos que nossa percepção esolução iniciais, de como integrar as pessoas no espaço, estavam sendo muito contaminadas com o que achávamos que era integrar. A gente, enquanto espaço, achava que o único jeito possível era assistir aos espetáculos. Porém, percebemos que as pessoas já estavam integradas: usavam o banheiro e esguicho para lavar a roupa, por exemplo. Percebemos o quanto estava sendo impositivo da nossa

parte. E a partir daí começamos a desenhar outras possibilidades”.

Da empatia, passando pela ideiação, até a prototipagem foram diversas idas e vindas, e diversas soluções experimentadas: de espetáculos fechados para um público específico, da melhoria na comunicação do espaço (como que ele se relaciona com o entorno de forma clara), a eventos como o Rua Ex’isto, realizado um sábado por mês, com foco na autoestima, autocuidado e redução de danos; atividades de beleza e cuidados, alimentação, recreação infantil; e com oficinas culturais diversas para adultos.

As vivências com os vários grupos que a Rede-Comunidade apoiou durante 2018 transformam não só os grupos, mas a própria Rede. Nos mostra que não existe uma solução pronta, fixa e rígida. Se as pessoas precisam estar no centro das decisões, as decisões, assim como as soluções, se tornam dinâmicas, fluidas e passíveis de serem modificadas e melhoradas. É com esse espírito que entramos em 2019: aprender juntos a transformar e sermos transformados.

## VISÃO DE FUTURO



REDE  
COMUNIDADE  
DE INOVAÇÃO  
SOCIAL

Em 2019, a Rede-Comunidade de Inovação Social mantém os eixos de atuação e expande suas parcerias.

### Confira os destaques para o próximo ano:

- Continuidade de apoio: grupos apresentaram um projeto para colocar em prática a solução desenvolvida durante o processo da Rede-Comunidade em 2018. Ao todo, seis foram selecionados para receber um investimento financeiro e acompanhamento continuado.
- Circuito de Inovação: visitas guiadas às sedes dos grupos apoiados em 2018.
- Abertura de novo edital (Inova ZL) com foco no desenvolvimento territorial e inovação social, em parceria com Fundação Tide Setubal. Serão selecionados até 8 grupos que receberão R\$8 mil cada para tirar o projeto do papel, além de 8 meses de residência no espaço compartilhado de trabalho do Galpão ZL, com apoio metodológico e mentoria da Rede-Comunidade de Inovação Social.
- Desenvolvimento do Projeto Solução, uma parceria entre Rede-Comunidade, Colégio Bandeirantes e Reflexões da Liberdade, com o objetivo de fomentar a inovação social e desenvolver competências no ambiente escolar, que une jovens de colégio particular com jovens da periferia
- Desenvolvimento do projeto Potências Periféricas, uma parceria entre Rede-Comunidade, Ponte a Ponte, Fundação Tide Setubal, ADESampa, Sense-Lab e representantes de coletivos periféricos das diversas regiões de São Paulo, com o objetivo de discutir o acesso à recursos por grupos periféricos e propor soluções para que os recursos cheguem na ponta.
- Implantação da jornada da Rede-Comunidade no município de Pardinho, em parceria com a Kaleydos e Centro Max Feffer de Cultura e Sustentabilidade.





REDE  
COMUNIDADE  
DE INOVAÇÃO  
SOCIAL



## PARTICIPE

Participe das nossas chamadas de projetos e faça parte do processo completo de capacitação e mentoria em Design Centrado no Ser Humano.



## VENHA PARA OS EVENTOS

Participe dos nossos eventos e faça conexões com demais grupos para acessar e trocar conhecimentos.



## ACESSE

Acesse os conteúdos e publicações disponíveis em nossas mídias.



## ENTRE EM CONTATO

Escreva diretamente para nossa equipe e saiba mais sobre possíveis apoios, gestão de projetos, captação de recursos e comunicação.

[rede-comunidade@institutojatobas.org.br](mailto:red-comunidade@institutojatobas.org.br)

## PARCEIROS



## FICHA TÉCNICA

Presidente:  
**Betty Feffer**

Vice-Presidente:  
**Luiz Alexandre Mucerino**

Conselho:  
**Aron Zylberman**  
**Carla Duprat**  
**Celia Schlithler**  
**Christina Carvalho Pinto**  
**Claudio Hirschheimer**  
**Elcio Anibal de Lucca**  
**Emerson Santos**  
**Ewaldo Russo**  
**Fernando Alves**  
**Isabel Franco**  
**Jorge Feffer**  
**José Vicente Marino**  
**Julio Cargnino**  
**Karina Malfi**  
**Lea Lobo**  
**Leo Figueiredo**  
**Luiza Russo**  
**Marina Feffer**  
**Marise Barroso**  
**Paulo Gaio de Castro**  
**Ricardo Diniz**  
**Robert van Dijk**  
**Roberto de Siqueira Campos**  
**Ronald Kapaz**  
**Rosa Alegria**  
**Tania Casado**  
**Viviane Behar**

Equipe Rede-Comunidade:

**Ivani Tristan**  
**Isabel Pato**  
**Juliana Rodrigues**  
**Renata Safon**

### RELATÓRIO REDE-COMUNIDADE

Abordagem metodológica e Prática

Coordenação: **Luanda Bonadio**

Texto: **Carol Gutierrez**

Revisão: **Gisele Neuls**

Designer: **Rodrigo Fachel**

Colaboração:

**João Francisco Lobato**  
**Ebraim Martins Andrade**  
**Ademar Bueno**  
**Mari Siffoni**  
**Daniele Costantini**

REDE  
COMUNIDADE  
DE INOVAÇÃO  
SOCIAL



Rua Salto, 70 - Térreo  
CEP 04001-130  
Paraíso - São Paulo - SP  
+55 11 3473 1441  
[www.institutojatobas.org.br](http://www.institutojatobas.org.br)